**Tradução e cultura: a influência do léxico espanhol na música nativista rio grandense[[1]](#footnote-1)**

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo demonstrar a influência da língua espanhola no linguajar do gaúcho brasileiro através da música nativista e na tradução de uma cultura reconhecida por brasileiros, argentinos e uruguaios. Estes três países apresentam características que os unem pelo modo de viver e pensar o mundo, ou pelo modo de ser do gaúcho, aqui entendido como aquele que preserva e segue as tradições cam­­­peiras. O léxico castelhano está muito presente em letras de canções nativistas, utilizado muitas vezes para tradução de um sentimento e uma cultura.

**Palavras-chave:** Linguajar gaúcho. Música nativista. Cultura.

**Abstract:** This paper aims to demonstrate the influence of the Spanish language in the language of the Brazilian gaucho by nativist music and translation of a culture renowned for Brazilians, Argentines and Uruguayans. These three countries have characteristics that unite by way of living and thinking about the world, or the way of life of the gaucho, defined here as one that preserves traditions and follow the foragers. The Spanish lexicon is very present in the lyrics to songs nativist, often used to translate a feeling and a culture.

**Keywords:** Language gaucho. Nativist music. Culture.

1. **Introdução**

A música nativista e tradicionalista gaúcha e a cultura do povo sulino são preservadas ao longo dos séculos, como se pode notar, de acordo com a Confederação Brasileira de Tradicionalismo Gaúcho (CBTG), pelos 2752 Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) existentes no Brasil, sendo 2609 apenas na região sul do país. Tradições essas que podemos reconhecer em alguns povos hispanofalantes, principalmente argentino e uruguaio, o que torna esses países ainda mais próximos culturalmente.

A cultura pampiana em questão é reconhecida e caracterizadora da região estudada, mas apesar da presença do léxico espanhol na fala de gaúchos sul - rio grandenses perceptível em músicas nativistas que fazem uso de léxico castelhano ou de algumas de suas regras gramaticais, traduzindo-as ao português, como o caso do diminutivo espanhol “ito”; da proximidade cultural com estados vizinhos como Santa Catarina e Paraná , além das semelhanças com países fronteiriços e da lei que implanta o espanhol na grade curricular de instituições públicas e privadas de educação básica, este idioma ainda é alvo de preconceitos e estereótipos.

Se analisarmos o léxico da língua portuguesa encontraremos muitas palavras que derivam da língua espanhola. Em casos específicos, como na região sul do Brasil, principalmente Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e algumas regiões do Paraná, isso fica ainda mais claro.

1. **Aspectos iniciais**

No que tange ao linguajar gaúcho sul rio grandense, podemos considerar como algo resultante do contato de várias línguas, como: ameríndia, açoriana, espanhola e dos povos emigrantes, italianos e alemães. Mas o contato que prevalece até hoje é com a língua espanhola devido às fronteiras entre Brasil, Argentina e Uruguai, ocasionando empréstimos linguísticos ao dialeto gaúcho.

 Entretanto, se faz necessário especificar o termo “gaúcho”, que pode ganhar mais de uma interpretação.

 No dicionário Aurélio, a definição de gaúcho é: “s.m. rio grandense do sul”; ou seja, nada mais é do que um gentílico para quem nasce nesse estado brasileiro. Já, de acordo com Branco (2011), o *Dicionário de Regionalismos do Rio grande do Sul* traz dezesseis páginas de definição, e além do gentílico, apresenta como um povo característico que trabalha no campo na lida com o gado, assemelhando-o a mesma função desempenhada pelos argentinos e uruguaios que vivem no campo .

 Em contrapartida, no *Diccionario del Español de América,* Branco (2011) relata que são encontradas três páginas para descrever este termo; e que é tratado como homem do campo do Rio da Prata:

*“hombre de campo del Río de la Plata”. Depois dessa acepção, aparece a descrição do gaúcho. Se antes o sujeito lexicógrafo fala em “jinete [...] diestro en los trabajos de la ganadería”, depois fala que esse tipo de gaúcho foi desaparecendo. Quem sabe por que a imagem de gaúcho de adestrador de gado não é a do gaúcho de hoje. Por um lado, o sujeito dicionarista aponta que o gaúcho destro nas lidas do campo está desaparecendo, mas por outro lado, ele afirma que a idealização do gaúcho prevalece. A idealização do gaúcho é a de “arquétipo humano, poseedor de las máximas virtudes viriles en que el hombre rioplatense quiere verse retratado”. Depois, segue coma adjetivação do gaúcho, partindo de homem sóbrio, de poucas necessidades, passando por homem que ama sua liberdade, chegando a generoso e leal. Após, segue a etimologia da palavra. Apresenta que o termo gaúcho nasceu da tríade Argentina – Uruguai - Brasil (p. 3).*

Esta citação demonstra, segundo a autora, que apenas no dicionário espanhol é colocado o sujeito “gaúcho” como pertencente aos três países fronteiriços, o que nos leva a entender que no Brasil o termo gaúcho acaba representando somente o cidadão que nasce no Rio Grande do Sul, ou seja, é apenas um gentílico.

 Com relação a esse tema, cabe ainda lembrar que nem sempre o vocábulo “gaúcho” foi visto com bons olhos. Assim como traz também o dicionário supracitado:

*O gaúcho no século XVIII era sinônimo de changador, gauderio, tendo uma imagem de ladrão de gado, nômade, perverso. No século XIX, essas acepções mudaram. A incorporação desses gaúchos no exército passou-se uma imagem de melhor estima. Depois das revoluções, a vida no campo mudou, o gaúcho passou a assentar-se nas estâncias. A Literatura e a História, a partir do século XIX, fizeram com que a imagem do gaúcho fique para a posterioridade. Todas essas definições aparecem no verbete “gaúcho” do dicionário de língua espanhola (BRANCO, 2011, p. 4).*

Todas essas concepções sobre o que é ser gaúcho apontam para uma direção, a de que a fronteira só ocorre para questões políticas. Quando falamos em questões culturais isso já não é notado, pois países fronteiriços se assemelham culturalmente, principalmente neste caso, o gaúcho dos pampas sul rio grandenses, argentinos e uruguaios.

Particularmente nesta pesquisa, será abordado o termo “gaúcho” como aquele nascido ou criado nos *pampas*, seja da Argentina, Brasil ou Uruguai, e que se identifica com a vida campeira e com os costumes e tradições desse povo.

 Com essa questão, podemos fazer considerações sobre o conceito de fronteira. Primeiramente, é necessário que se conceitue o que são limites, que de acordo com Rivas (2010, p. 3) *“toda propriedade ou apropriação é marcada por limites visíveis ou não, assinalados no próprio território ou numa representação do território: plano cadastral ou carta topográfica”*. Ou seja, os limites são as divisas perceptíveis ou registradas. Nesse processo, temos inculcado que fronteira, então, é o espaço que envolve esses limites e que pode além de separar, integrar mais de uma cultura, como afirma Garcia (2010, apud LAFIN, 2011, p. 10): *“um portal que muda o status das pessoas e das coisas. Uma zona de transição. Com este poder quase mágico, uma fronteira pode libertar ou aprisionar. Pode antagonizar. Mas pode também integrar”.*

 Podemos considerar, devido a isso, que a fronteira também é algo social, e que geralmente vai ser interligada pela língua, que só existe devido a seus falantes, sendo que estes promovem o contato entre elas. Toda essa atmosfera gera o contato social e cultural, e que muitas vezes determina um modo de ser de um povo, graças à aproximação com outras culturas.

 É essa aproximação que ocorre no Brasil, como na região sul, entre Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, que mesmo com a delimitação de fronteiras, o não contato entre as línguas foi impossível, pois os locais fronteiriços acabam sendo uma forma de convívio social entre povos de culturas distintas ou semelhantes, e que interferem e condicionam novos hábitos, mudanças no linguajar e no modo de viver.

 Vejamos um pouco mais sobre a influência do castelhano no linguajar gaúcho brasileiro.

1. **A influência do léxico espanhol no linguajar gaúcho brasileiro**

 De acordo com Laytano (1981), o linguajar gaúcho apresenta muitas semelhanças com o espanhol rio-platense, ao que ele chama de espanholismos. São palavras, expressões e regras gramaticais que foram introduzidas ao dialeto sul rio grandense. Para o autor, não foram apenas questões de fronteira que influenciaram na troca linguística, mas também a semelhança entre atividades econômicas, sistema cultural, relações humanas e históricas muito intensas.

 Cabe ressaltar também que há muitas palavras de origem castelhana que foram modificadas, traduzidas e adaptadas à língua portuguesa, o que só fez aumentar a influência da língua espanhola no linguajar brasileiro, como podemos ver no texto de Laytano (1981):

*A coleção de espanholismos, termos rio-platenses e os de ambas as procedências, mas modificados e adaptados ao português falado no Rio Grande do Sul, é realmente enorme: changador, arreglar, alambrado, repecho, mantener, matambre, pajonal, malo, cojetilha, caña, carajá, calaveira(...). Incluam-se os vocábulos terminados em –aço: guascaço, buenaço, etc., e os que finalizam em –ito: gauchito, malito, tranquito, etc. que sempre foram importados pelas vias espanholas e platinas (p. 50).*

A essas mudanças no linguajar de um povo, Guimarães (2005) chama de língua franca, isto é, a língua utilizada por uma comunidade de fala com línguas maternas diferentes, neste caso, o português brasileiro e o espanhol, entendendo língua materna como aquela que estabelece relações em uma sociedade através de uma única língua.

Podemos afirmar então, que o linguajar gaúcho pode ser considerado uma língua franca devido a sua junção entre a língua portuguesa brasileira e a língua espanhola da região de Rio de La Plata, que engloba Argentina e Uruguai. Porém, este conceito não deve ser atribuído somente ao linguajar da fronteira, pois a cultura sul rio grandense atinge vários pontos do país, principalmente oeste de Santa Catarina, regiões do Paraná e Mato Grosso do Sul, além da extensão do próprio estado do Rio Grande do Sul.

 Grande parte da influência gaúcha no Brasil ocorre, principalmente, devido a hábitos cotidianos como o chimarrão, o churrasco, a vestimenta, a dança e a música folclorista, que é rememorada e cultivada em espaços como os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

 A presença da língua espanhola é bem evidente em músicas nativistas, o que marca o linguajar dos gaúchos brasileiros e aproxima as culturas de gaúchos argentinos e orientais (como são chamados os uruguaios), como veremos mais adiante.

**3.1.**  **Tradicionalismo X Nativismo**

 Inicialmente, faz-se necessário a distinção entre músicas nativistas e tradicionalistas. De acordo com Mendonça (2011) é difícil distinguir os dois movimentos, pois ambos tratam do amor ao Rio Grande do Sul, cantam o que há de belo na querência, e “vestem” a indumentária gaúcha.

*Definir o tradicionalismo e o nativismo parece ser tarefa simples quando se lê as palavras num dicionário, contudo decifrar os movimentos representados por estes dois "ismos" é mais complexo. Saber quem são e o que pensam as pessoas que formam estes dois grupos que se complementam e às vezes se confundem requer uma análise mais profunda do que uma simples frase, muitas vezes preconceituosa. Entender o que pensam os membros destes dois grupos de indumentárias distintas e outras vezes tão semelhantes é complexo. Decifrar estas duas tribos com guerreiros aquartelados nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) ou nos ginásios de esporte que viram cenários para os festivais, não é fácil (p 1).*

 Por outro lado, o autor traça também suas principais diferenças que, segundo ele, se concretizam pelo fato de o tradicionalismo ser coordenado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), no qual há uma estrutura hierárquica a ser seguida, para que se mantenha viva a chama da tradição nas gerações subsequentes. Enquanto no nativismo, não há uma estrutura específica que o mantenha, pois é um movimento pautado na identificação cultural e artística de seus membros.

 Além disso, uma das diferenças mais importantes para a elaboração desse artigo, é que na música tradicionalista dificilmente encontraremos espanholismos, pois os tradicionalistas veem os hispanofalantes como inimigos ainda do tempo de lutas por território; enquanto em músicas nativistas o léxico castelhano se faz muito presente, uma vez que esse movimento se pauta pela identidade cultural, como já mencionado.

* 1. **Aplicação da Teoria da Tradução**

 O léxico espanhol presente nas músicas nativistas pode ser abordado através das ideias de Antoine Berman, autor pertencente à área de Estudos da Tradução. Berman (2013) destaca e explora os conceitos e elementos presentes na tradução feita de forma etnocêntrica e de forma hipertextual. De acordo com o autor, o termo etnocêntrico refere-se a tudo que se volta a sua própria cultura, suas normas e valores, e que considera o estrangeirismo como algo negativo ou simplesmente, algo que pode agregar para o aumento da riqueza cultural. Tudo o que for de outra cultura é nacionalizado no processo tradutório, e o foco recai ao destinatário do texto final. Com esse tipo de tradução, elementos ricos do texto original, como aspectos culturais e quaisquer outras informações são apagados, fazendo com que a ponte intercultural inexista como umas das qualidades da atividade tradutória.

Já o conceito de tradução hipertextual diz respeito *“a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto já existente”* (p.40). Este conceito de tradução culmina em um produto diferente do conceito anterior, pois agora o tradutor se foca no autor do texto original, em que faz um esforço para manter os elementos culturais apresentados no texto fonte. Por outro lado, é preciso ressaltar que não existe uma tradução que seja 100% estrangeirizante, pois resultaria em um texto enfadonho, no qual haveria muitos tropeços por parte do leitor ocasionados pela falta de conhecimento prévio.

 Outro ponto destacado pelo autor é a questão da fidelidade ao sentido do texto original. Quando se opta por manter o sentido no processo tradutório, ocorre uma mudança no que se refere à letra do original, ou seja, há uma infidelidade à letra estrangeira, mas ao mesmo tempo, uma fidelidade à própria letra:

*A fidelidade ao sentido opõe-se à fidelidade à letra. (...) Mas esta infidelidade à letra estrangeira é necessariamente uma fidelidade à própria letra. O sentido é captado na língua para a qual se traduz. Para tanto, deve ser despojado de tudo que não se deixa transferir (BERMAN, 2013, p. 45).*

 A teoria supracitada nos leva a acreditar que o texto traduzido, de qualquer forma, será sempre uma “traição” ao texto original. Traição esta que faz parte do processo tradutório, pois se opta pela manutenção de sentido ou pela preservação da estrutura e letra do texto fonte. Em qualquer uma das opções, o produto tradutório será outro, que não o texto original. Daí vem a expressão italiana *traduttore, traditore,* a qual faz um jogo linguístico com as palavras traição e tradutor, deixando claro que sempre haverá traição em qualquer forma tradutória.

 Entretanto, Berman (2013) aponta algumas maneiras de manter o sentido sem mudar a letra. É a utilização da exotização das redes de linguagens vernaculares, isto é, através de grafos em itálico, mantém-se o vernáculo em sua forma original, apropriando-se de seu real sentido, sem estereótipos e ridicularização do termo estrangeiro, ou seja, é o método da manutenção cultural do estrangeiro através do léxico. Um exemplo disso na língua portuguesa brasileira são as palavras *mouse* e *campus*.

 Muito se acredita que tradução, em seu sentido estrito, seja somente equivalência lexical entre duas línguas, o que é um grande equívoco, pois se deve considerar essencialmente o público meta, analisando sua cultura e necessidade, mas sem, é claro, deixar de considerar a intenção do autor traduzido. Laiño (2010) corrobora com essa informação:

*Para se ter uma noção, é apenas na graduação de Letras que os alunos se deparam com a teoria funcionalista e, a partir daí, repensam o conceito que tinham sobre tradução, deixando de acreditar que esta ocorre somente a partir de códigos meramente linguísticos. Esta nova visão teórica engloba todo o contexto cultural, já que a tradução e toda a escrita estão sempre permeadas pela cultura do sujeito e também repletas de intenções. Como dito anteriormente, a cultura não pode ser vista como algo separado da língua, os dois conceitos caminham juntos e, portanto, está claro que quando se escreve algo, ou se traduz algo, estamos deixando transparecer nossos traços culturais através da nossa escrita, da nossa língua (p. 34-35).*

 Além disso, podemos creditar as ideias da autora alemã Christiane Nord, a qual apresenta uma teoria funcionalista da tradução, já iniciada por Hans J. Vermeer, e que vai de encontro com a citação supracitada.

 De acordo com a autora, o processo tradutório deve considerar os aspectos culturais, ou seja, deve fazer uma comunicação intercultural, pois texto base e texto meta podem estar, e geralmente estão inseridos em culturas distintas. O que deve ser feito então, é uma adequação ao destinatário da tradução, mas sem perder a intenção inicial do autor do texto de partida.

 Ainda nessa questão, devemos explicitar o conceito da Teoria do Escopo criada por Vermeer, e que visa principalmente o fator comunicativo da tradução, função essa que deve cumprir o texto meta. Portanto, a relação entre o texto fonte e o texto meta deve seguir o conceito de coerência intertextual (fidelidade), ou quando há uma mudança de função textual, o segundo deve adequar-se ao escopo, ao propósito comunicativo (NORD, 2010).

 De acordo com Laiño (2010), o êxito na comunicação de uma tradução está essencialmente relacionado com os interlocutores, os elementos linguísticos e os receptores, formando um “jogo comunicativo”, no qual os participantes não são neutros, pois já possuem conhecimento de mundo e são carregados culturalmente, o que os leva a criarem expectativas com relação a textos e leituras.

 Nesse sentido, os autores supracitados se relacionam por considerarem a cultura como algo essencial em um processo tradutório, sem separá-la da sociedade. E, a fim de encontrar e apresentar questões tradutórias, focadas tanto em elementos linguísticos, como culturais, a seguir serão apresentadas as canções nativistas analisadas, conforme a teoria apresentada.

1. **Canções analisadas**

 Foram escolhidas três canções de dois expoentes da música nativista: Cesar Oliveira e Rogério Melo e Luiz Marenco. Para essa escolha, foi utilizado o seguinte critério: estar entre as mais ouvidas no site de entretenimento *Kboing*, um dos sites mais acessados para ouvir música na região sul. Na sequência são apresentadas seis canções: Apaisanado, De vida e tempo, Recuerdos, Cruzando na Villa Ansina, Dobrando os pelegos e Flor de yuyo; primeiramente de Cesar Oliveira e Rogério Melo e em seguida as de Luiz Marenco.

**Canção 1: Apaisanado** (Anomar Danúbio Vieira)

Floreio o bico da gansa
Nesta gateada lobuna
A melhor das minhas alunas
Na doma tradicional
Por favor não levem a mal
Este meu jeito fronteiro
Filho de pai brasileiro
Hijo de madre oriental

Não carrego pretensão
Mas não sou de me achicá
Decerto trouxe de alla
O gosto pela guitarra
Quando a saudade se agarra
Num bordoneio entonado
É o meu povo enforquilhado
Num bagual mandando garra

Sou assim apaisanado
Domador e guitarreiro
Diariamente peão campeiro
Nas folgas campeio festa
Tapeio o chapéu na testa
Pra ver melhor as imagens
Talento fibra e coragem
Não se compra nem se empresta

Quem é do garrão da pátria
Alma sangue e procedência
O amor pela querência
Traz retratado na estampa
Retovos de casco e guampa
No repertorio da lida
Pra que o sentido da vida
Finque raízes na pampa

No cabo de uma solinge
Sou mais ligeiro que um gato
No aporreado um carrapato
Largando só no garrote
E macho pra me dar bote
Não se perca por afoito
Junte mais uns sete, oito
E me atropelem de lote

Numa milonga crioula
Numa chamarra gaúcha
Prego um grito de a la pucha
E me acomodo no embalo
Mateio ao canto do galo
Gosto do assunto bem claro
Se de a pé já não disparo
Quanto mais bem a cavalo

Na canção 1 podemos encontrar os seguintes espanholismos ou adaptações/traduções ao português: lobuna, hijo, madre, achicá, allá, guitarra, bagual, apaisanado, aporreado, garrote, retovos, chamarra, a la pucha, mateio. Percebe-se que há mais palavras castelhanas do que expressões aportuguesadas, ou traduzidas e adaptadas ao português, ou seja, há uma fidelidade ao sentido e a letra do texto base, portanto uma exotização segundo os critérios estabelecidos por Bermam (2013).

**Canção 2:** **De vida e tempo** (Rogério Villagran e Edilberto Bérgamo)

Quando tapeio o meu sombrero sobre a nuca
O coração me cutuca, bate forte igual cincerro
Sinto que o sangue pulsa mais forte nas veias
Parece que me arrodeia o assombro de Martin Fierro
Me criei solto, correndo pelo banhado
Gritando forte com o gado, nos dias de lida bruta
No batoví, extraviei sonhos e mágoas
Que se olvidaram com as águas, das cheias do reculuta

(Cortei caminhos em culatras e fiadores
Erguendo penas e amores, num grito largo de venha
Rondei recuerdos em noites de calmarias
Aclimatando invernias na minha pampa surenha)

Trago nos tentos poncho emalado e saudade
De um tempo que foi verdade e a cada aurora rebrota
A vida passa e a mala suerte se adoça
Depois que a espora faz mossa no contra forte da bota

Nasci num rancho, quinchado de Santa Fé
Sou de junco e aguapé, caraguatá e japecanga
Sou do Rio Grande, meu pago retrata a estampa
De touro que afia a guampa nos cacurutos da sanga

Na canção 2 são encontradas palavras como: sombrero, olvidaram, penas, recuerdos, sureno, poncho, mala suerte, quinchado, pago. Mais uma vez não são adaptações, mas as próprias palavras (em língua espanhola) que prevalecem na letra da música nativista para representar as ideias e fortalecer a cultura gaúcha. E encontramos também a menção a Martín Fierro, um dos mais famosos *gauchos* da literatura argentina.

**Canção 3: Recuerdo** (Guilherme Collares)

Recuerdo sabe do tempo...
Do meu sombrero maniado
E o trotezito largo
procurando o teu amor

Recuerdo sabe do tempo,
do meu ponchito listrado
Voando na polvadeira
de um corredor...
Recuerdo adoça esta vida,
que amarga se fez ausência
De um passado que é distância
gemendo em guitarrador

Recuerdo me trás de volta
todo o sabor da querência
Erguido na polvadeira
de um corredor...

Recuerdo guarda saudade
de um tempo que hoje é ausência
E troteia na distância
de uma vida que passou ...

Recuerdo procura volta
pra quem viveu a querência
na curva de um caminho
e não voltou;

Recuerdo sabe do tempo
de um rodeio bem parado
em que um respeito trançado
volteava os refulgador...

Recuerdo sabe do tempo
das cruz de um baio encerado
num trotezito ladeado
pra minha flor,

Recuerdo adoça esta vida
que amarga se fez ausência
de um passado que é distância
gemendo em guitarrador ...

Recuerdo me trás de volta
o sabor da querência
perdido na polvadeira
de um corredor

Recuerdo guarda saudade
de um tempo que hoje é ausência
e troteia na distância
de uma vida que passou

Recuerdo procura a volta
pra quem perdeu a querência
na curva de algum caminho
e não voltou...

Na canção 3 se percebe uma mudança, pois são encontradas algumas expressões adaptadas/traduzidas à língua portuguesa, como: trotezito, ponchito, guitarrador. Mas também palavras originais da língua espanhola: recuerdo, sombrero, encerado e ladeado. Nessa canção há o uso de uma tradução hipertextual, isto é, para manter a cultura gaúcha representada, as palavras foram adaptadas/traduzidas à língua portuguesa, além das exotizações, sempre considerando a cultura como algo essencial em um processo tradutório

**Canção 4: Cruzando na Villa Ansina** (Anomar Danúbio Vieira)

Quando a noite me surpreende cruzando na Villa Ansina
Da ventana sem cortina recende o cheiro da farra
E uma inquietude me agarra entre fumaça e neblina

E uma inquietude me agarra entre fumaça e neblina

Sujeito minha douradilha, troco meu pala de braço
Me apeio ao som de um gaitaço na encruzilhada da vila
E o mulherio se perfila na sala campeando espaço
E o mulherio se perfila na sala campeando espaço

Refrão:
A cordeona três ilheiras, por gaviona corcoveia
Num ranchito de fronteira quinchado de lua cheia
Alço o liso e fundo branco, pra clarear o pensamento
E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento
E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento

A noite se para pouca depois que armo o mundéu
Brilha um pedaço de céu no olhar de cada morocha
Que bailam de rédea frouxa no aperto desse escarcéu
Que bailam de rédea frouxa no aperto desse escarcéu

Hace tiempo Villa Ansina que tu me corta o caminho
Pra quem vagueia sozinho é o templo da perdição
Onde deixo o coração enredado de carinho
Onde deixo o coração enredado de carinho

A cordeona três ilheiras, por gaviona corcoveia
Num ranchito de fronteira quinchado de lua cheia
Alço o liso e fundo branco, pra clarear o pensamento
E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento
E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento

**Canção 5: Dobrando os Pelegos** (Mauro Moraes, Luiz Marenco)

Me vou a cavalo de mala
e cuia e se Deus quiser...
Costeando a cerca com a alma presa
num chamamé!
Me vou a trote no serigote deste gateado,
que embora curto gruda o clinudo
no meu costado.

Saio garreado de peito inflado
abrindo picada...
Sujo de terra o mundo nas rédeas
chapéu fincado!
A volta vem e os calaveras se secam,
tendo por perto os "pagos ajenos",
do outro lado.

Devagarzito,
se afirma o tranco, boleando a perna,
abrindo a guela num sapucai!

**Canção 6: Flor de yuyo** (Luiz Marenco)

Minha florzita de yuyo
Mas de yuyo perfumado
Mantendo os olhos assim
Te trago frente aos meus lábios
Por isso ao guitarrear
Me gusta tê-los fechados
Sei que me fiz guitarreiro
Quando Deus deu-me destreza
Trazendo a lua pro bojo
Desta guitarra campeira
E que emprestaste teus lábios
Pra dar cor a corticeira
E que emprestaste teus lábios
Pra dar cor a corticeira

Tive ciúmes do sereno
Flor de yuyo por regala
E fiquei preso nos bastos
Me perdendo em tua mirada
Mas não teve medo o vento
E te abanou com meu pala (duas vezes)

Depois da rosilha flor de yuyo
Tive muitas outras potras
Que estendi até teu rancho
Pois até perdi a conta
Mas só topei com a saudade
Que cutucava ainda a outra
Mas só topei com a saudade
Que cutucava ainda a outra
Fiz do inverno primavera
Por mais que andasse emponchado
Pois fechando os olhos assim
Te trazia frente aos lábios
Minha florzita de yuyo
Mas de yuyo perfumado.

Nas canções 4, 5 e 6 também percebemos a utilização da adaptação/tradução à língua. Há palavras como: gaitaço, ranchito, devargazito, florzita, chamarrão, guitarrear, portanto, tradução hipertextual E há os espanholismos: Villa Ansina, ventana, pala, quinchado, morocha, hace tiempo, calaveras, pagos ajenos, yuyo, guitarra, me gusta, emponchado, ou seja, exotizações.

Além do léxico, encontramos nas canções analisadas semelhanças fonéticas como a pronúncia dos “rr”, e semelhanças sintáticas como a posição do verbo no verso “me gusta” e “me vou a cavalo”.

1. **Análise dos dados**

Nas canções nativistas podemos perceber que há uma conservação da cultura do gaúcho, entendendo aqui o termo como aquele nascido ou criado nos pampas, seja de Argentina, Brasil ou Uruguai, e que se identifica com a vida campeira e com os costumes e tradições desse povo, uma vez que há outras interpretações. Foram consideradas as seguintes categorias culturais para análise dos dados: amor à pátria e aos costumes e tradições campeiras; amor pela música e pelo violão e amor e respeito pela prenda.

O amor à pátria e aos costumes e tradições campeiras é representado nas canções nativistas, e pode ser visto nos trechos a seguir: *Sou assim apaisanado domador e guitarreiro, diariamente peão campeiro, nas folgas campeio festa (...) Quem é do garrão da pátria, alma sangue e procedência, o amor pela querência, traz retratado na estampa (...)* (canção 1). *Me criei solto, correndo pelo banhado, gritando forte com o gado, nos dias de lida bruta, no batoví, extraviei sonhos e mágoas, que se olvidaram com as águas, das cheias do reculuta (...)* (canção 2).

Outro ponto da cultura gaúcha e que é marcado nas canções é a questão do amor pela música e pelo violão: *Não carrego pretensão, mas não sou de me achicá, decerto trouxe de allá, o gosto pela guitarra (...)* (canção 1). *Me apeio ao som de um gaitaço na encruzilhada da vila (...) E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento (...)* Canção 4. *Sei que me fiz guitarreiro, quando Deus deu-me destreza, trazendo a lua pro bojo desta guitarra campeira (...)* (canção 6).

Também encontramos destacado nas canções o amor e respeito pela prenda: *Recuerdo sabe do tempo, do meu sombrero maniado, e o trotezito largo procurando o teu amor(...)* (canção 3). *Minha florzita de yuyo, mas de yuyo perfumado, mantendo os olhos assim, te trago frente aos meus lábios.* (canção 6).

Podemos perceber que nas canções há uma manutenção da cultura do ser gaúcho, e que embora não seja uma tradução literal pode ser considerada uma exotização, de acordo com Berman (2013), pois além de manterem vernáculos na língua estrangeira, neste caso no espanhol, o que retratam é a tradução de um sentimento, de uma identidade, através de músicas e palavras, que aproxima argentinos, uruguaios e brasileiros. E de acordo com Nord (2010), aspectos culturais são de extrema importância em projetos tradutórios.

Com relação aos interlocutores, elementos linguísticos e receptores, vemos que todos se manifestam de maneira satisfatória, contribuindo para o jogo comunicativo da tradução. As letras destinam-se a um público meta específico e conseguem passar a intenção e sentimentos de autores e intérpretes, com a colaboração intensa do léxico castelhano, que já está incorporado no linguajar do gaúcho brasileiro.

1. **Considerações Finais**

Como já foi perceptível, a língua espanhola se faz presente no cotidiano de um grupo de brasileiros através das canções nativistas e que provavelmente são incorporadas também na linguagem do dia a dia. Sendo assim, esse fator só vem a colaborar com o ensino do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) em escolas públicas e particulares brasileiras.

 Temos no Brasil uma lei implantada em 2005 e que prevê a oferta obrigatória da língua espanhola no currículo do ensino médio de escolas de educação básica pública e particular, cabendo aos alunos a sua escolha, como pode ser observado no texto da Lei Nº 11.161, de 05 de agosto de 2005:

*Art. 1o O ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do ensino médio.*

 *§ 1o O processo de implantação deverá estar concluído no prazo de cinco anos, a partir da implantação desta Lei. (...)*

 *Art. 2o A oferta da língua espanhola pelas redes públicas de ensino deverá ser feita no horário regular de aula dos alunos.*

 *Art. 3o Os sistemas públicos de ensino implantarão Centros de Ensino de Língua Estrangeira, cuja programação incluirá, necessariamente, a oferta de língua espanhola.*

 *Art. 4o A rede privada poderá tornar disponível esta oferta por meio de diferentes estratégias que incluam desde aulas convencionais no horário normal dos alunos até a matrícula em cursos e Centro de Estudos de Língua Moderna.(...)*

As escolas tiveram cinco anos para se preparem e cumprir a lei. No entanto, o problema maior é que uma boa parte das instituições nem chegam a ofertar o espanhol, o que dificulta ainda mais a valorização e aceitação da língua hispânica em contextos de território brasileiro.

Uma maneira de inserir a língua castelhana no ensino poderia ser através da música nativista. Desse modo, parte-se de um conhecimento que o próprio aluno já possui, como orienta Freire (1996):

*Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (...) Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (p. 16-17).*

 Além disso, o uso desse gênero possibilita um trabalho de ensino baseado na abordagem comunicativa de Dell Hymes Hathaway, introduzido em 1972. Este método, que aborda também a “competência comunicativa”, orienta para um ensino de língua estrangeira em que a gramática seja uma ferramenta para a aprendizagem e não seu foco principal, pois uma das principais preocupações é preparar o aluno para que saiba em quais situações pode utilizar os conhecimentos gramaticais adquiridos, além de ser esse conhecimento adequado ao contexto e à cultura em que o falante-ouvinte se encontra (OLIVEIRA, 2007, p. 65-66).

 Com essa abordagem em sala de aula, adequada ao contexto e à realidade dos alunos, conseguiremos demonstrar a importância e necessidade do ensino da língua espanhola, ou dar um inicio a essa tentativa, uma vez que já se faz presente na cultura de muitos brasileiros.

Por fim, este artigo buscou demonstrar que a língua espanhola está presente no cotidiano do gaúcho brasileiro. Através da sua utilização nas músicas nativistas se traduz a cultura de um povo que se reconhece pelo modo de ser e viver, independentemente da nacionalidade, brasileira, argentina ou uruguaia.

 De acordo com Marcon (2010), este estilo musical atua *“como agente, soando as vivências dos sujeitos e constituindo modos de sentir o mundo (p. 1, grifo do autor)”.* Ou seja, há uma tradução da cultura e dos costumes através da música.

 Como as canções já estão presentes no dia a dia dos “gaúchos” e o léxico castelhano é frequente na linguagem, nada mais interessante que os professores utilizem esse gênero em sala de aula, uma vez que são cobrados por um ensino mais dinâmico e comunicativo.

 Em fim, as canções nativistas podem ser grandes aliadas no ensino de língua espanhola, pois além de trazerem léxico dessa língua, mostram uma cultura que interliga e aproxima brasileiros, argentinos e uruguaios.

1. **Referências**

ALVAREZ, Isaphi M. J. Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira. Santa Maria, 2009. 83p. Dissertação (Mestrado em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

BERMAN, Antoine. A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo. Tradução: Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan e Andreia Guerini. 2.e.d. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BRANCO, Natieli L. Circulação de saberes nos dicionários: relações entre o sujeito gaúcho e o hispano-americano. V Seminário de estudos em análise do discurso: o acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Porto Alegre – RS.

Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG). Disponível em: [ww.cbtg.com.br](http://WWW.cbtg.com.br) Acesso em: 15 de maio de 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf> Acesso em: 16 de maio de 2013.

GUIMARAES, Eduardo. Apresentação Brasil: país multilíngue.*Cienc. Cult.* [online]. 2005, vol.57, n.2, pp. 22-23. ISSN 0009-6725.

LAIÑO, Maria J. Multiculturalismo: propostas de recontextualizações de fatos culturais na tradução de textos em livros didáticos. Florianópolis, 2010. 99p. Dissertação (Mestre em Estudos da Tradução, Área de Concentração Teoria, crítica e história da tradução). Universidade Federal de Santa Catarina.

LAYTANO, Dante de. O linguajar do Gaúcho Brasileiro. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

Lei Nº 11.161. Presidência da República: casa civil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm> Acesso em: 16 de maio de 2013.

MARCON, Fernanda. Música Nativista e Imaginários Gauchescos: sobre cantar opinando. Música e Cultura, Revista Online de Etnomusicologia. Nº 5, 9p., 2010. Disponível em: <http://www.musicaecultura.ufsc.br/mec-05.php> Acesso em: 11 jun. 2013.

MENDONÇA, Paulo de Freitas. Tradicionalismo ou Nativismo. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2895196> Acesso em: 09 de maio de 2013.

NORD, Christiane*.* Texto base – texto meta: Un modelo funcional de análisis pretraslativo. Tradução e adaptação: Christiane Nord. 2010.

OLIVEIRA, Luciano A. O conceito de competência no ensino de línguas estrangeiras. Sitientibus, Feira de Santana, n.37, p.61-74, jul./dez. 2007.

RIVAS, Verônica E. Português e espanhol em contato na fronteira Brasil/Bolívia. I CIPLOM: Foz do Iguaçu - Brasil, de 19 a 22 de outubro de 2010. p. 1 - 8.

1. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). [↑](#footnote-ref-1)